

Ponto

•
Pé de Flor



Junho • 2021

Rosário Rebello de Andrade
www.rosarebello.com

O motivo e a ideia para este livro surgiram em tempos de pandemia, ao assistir a uma celebração de Natal online a partir da basílica de S. Pedro no Vaticano.

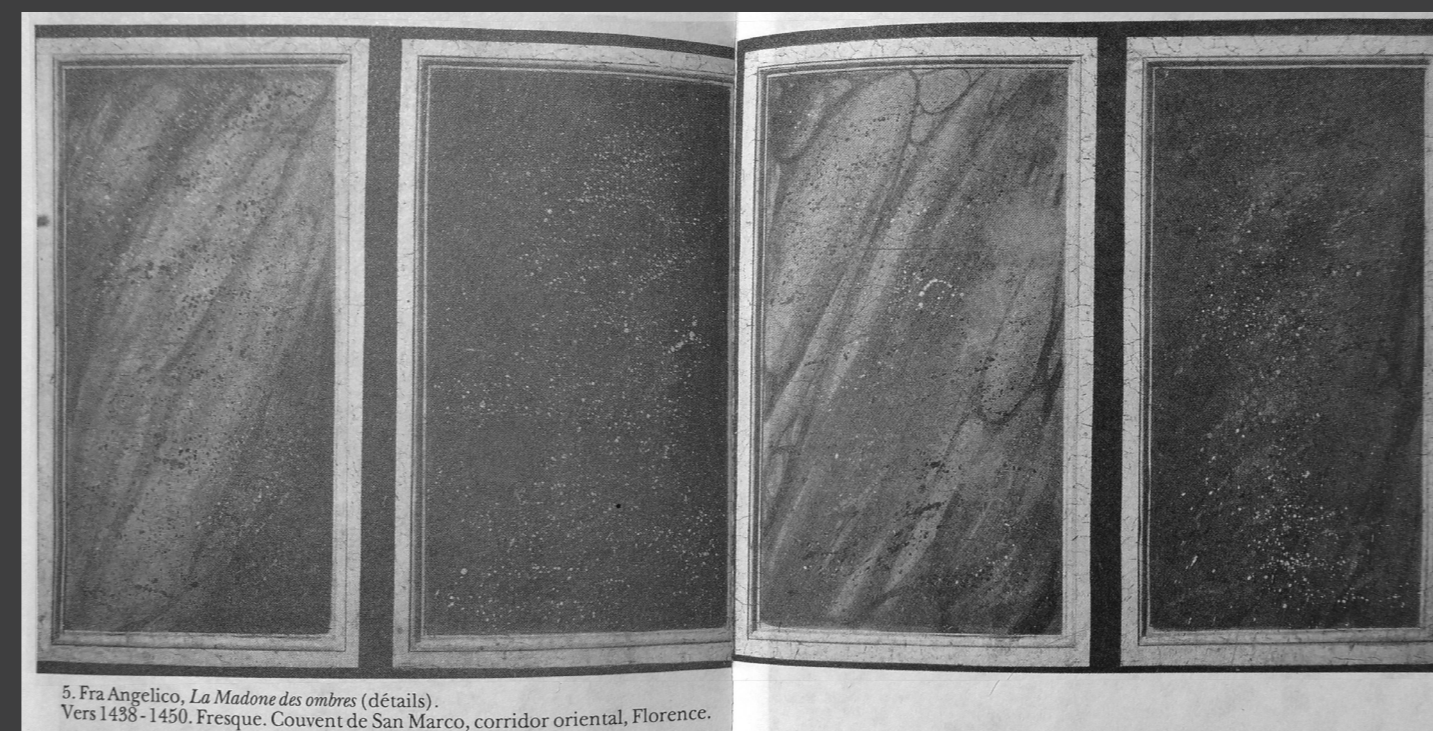
Saltou-me à vista uma pedra mármore da abside do altar mor, logo por baixo de uma imagem de Cristo na Cruz¹. O mármore preto e branco de Aquitânia, está cortado como num espelho, deixando sobressair formas brancas abstractas que se abrem a partir do centro e que se recortam no fundo negro. Sugerem a celebração do Eden, numa explosão da natureza. Pareceu-me que a pedra tenha sido criteriosamente escolhida e ali colocada com um propósito específico. Contrasta obviamente com a imagem sofredora do Cristo.

Surpreendeu-me que já nessa época o ar-

quitecto (Gian Lorenzo Bernini, 1598-1659) se apropriasse de uma abstração para evocar artisticamente algo imaterial, espiritual e misterioso.

O filósofo francês Georges Didi-Huberman² sugere algo semelhante relativamente a um fresco de Fra Angélico, do Museu S. Marco de Florença. Por baixo da imagem da Virgem e o Menino, vêem-se quatro frescos (à direita) justapostos com motivos abstractos, que vão da altura do olhar do espectador até ao chão. O motivo da contemplação - a Virgem e o Menino - encontra-se disposto na parede a um nível tão alto, que, para o contemplar se tornaria humanamente impossível manter a cabeça inclinada para trás por muito tempo. Ou seja, este necessitaria de estar à altura do nosso olhar. Segundo Didi-Huberman, o pintor escolheu cuidadosamente, não a figura da

Virgem e o Menino, mas um motivo abstracto. Quer atraír-nos para o centro, para a interiorização de algo imaterial? E sugere-nos que o motivo a contemplar só se pode passar na memória, na sensibilidade ou imaginário do observador.



São estas impressões que me levam a conceber este livro. Nele evoco a poesia e o seu lado espiritual. Escolhi alguns poemas de minha autoria, quase todos inéditos, escri-

tos ao longo de anos. Quero tornar presente a dicotomia entre escrita e imagem, meios distintos que tenho vindo a utilizar ao longo dos anos no meu trabalho.

Do lado do desenho, nas costas da capa e da contracapa, estão escondidas, respectivamente, duas frases manuscritas³:

«o artista repete os gestos da natureza».
«a natureza é o ornamento do artista».

Os poemas falam por si. Por vezes evocam passagens bíblicas que assentam na tradição cristã, - a minha. Ou melhor dizendo, no modo como vivo essa tradição.

O livro foi concebido em fole, de modo a poder ser colocado em cima de uma mesa ou plinto. Ou seja, é para ser visto ou lido, mas nunca as duas coisas simultaneamente: de

um lado, poemas; do outro lado, o desenho. Ao longo das bordas da capa e da contracapa estão presas ilhoses em fio de linha entrançado. O fio de linha prolonga-se, permitindo passá-lo pelas ilhoses, unindo-as, por forma a construir a lombada, fechando-a. Neste caso, a imagem fica oculta, podendo o livro ser folheado deixando somente o texto à vista.⁴

Os materiais escolhidos são todos naturais, excepto o texto impresso: grafite aguarelada sobre papel de algodão artesanal, cola de madeira, linha de algodão, folha de ouro, ponta de prata, impressões digitais.⁵

Este é um projecto que se inicia agora e que certamente se prolongará. É o ponto de partida para a feitura de inúmeros (muitos) desenhos em papel que me permitam ter mais liberdade, tanto no gesto como na escolha de materiais.

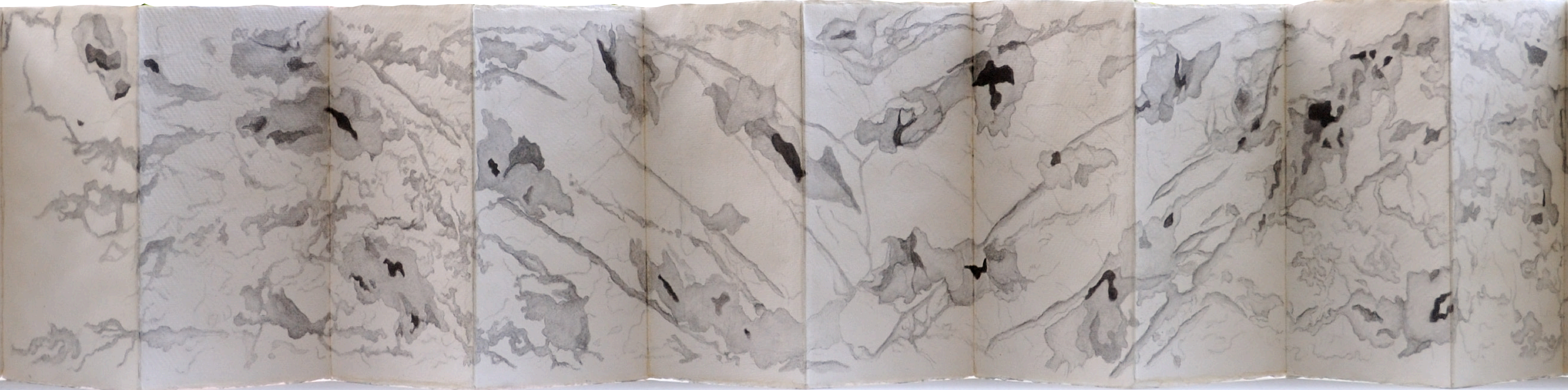
⁽¹⁾ *Crucifixo de S. Marcelo, madeira, igreja de S. Marcelo, Via Del Corso, Roma. Está presentemente colocado no altar mor da Basílica de S. Pedro.*

⁽²⁾ «Dissemblance et figuration», Georges Didi-Huberman, Ed. Flammarion, Paris, 1995.

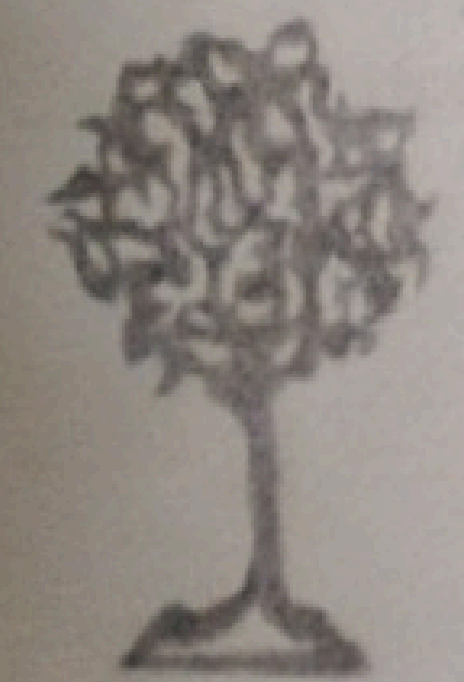
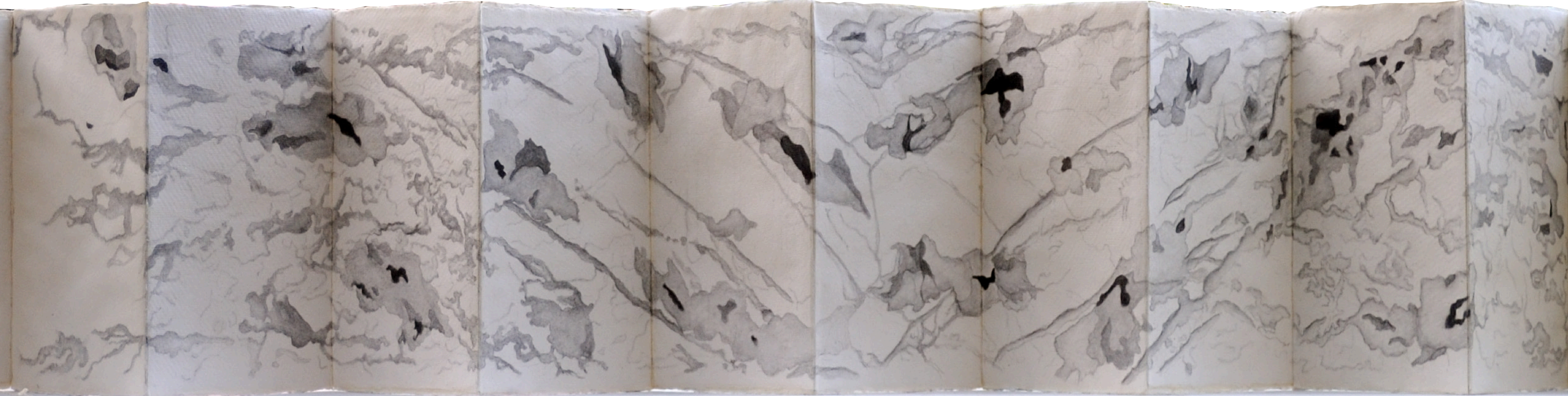
⁽³⁾ *Quando o livro se encontra aberto em cima de uma mesa ou plinto, é fundamental que ambas as frases estejam escondidas de modo a não interferirem com a imagem. (Pág^{as}. 2 e 3)*

⁽⁴⁾ *Pág^{as}. 4 e 5*

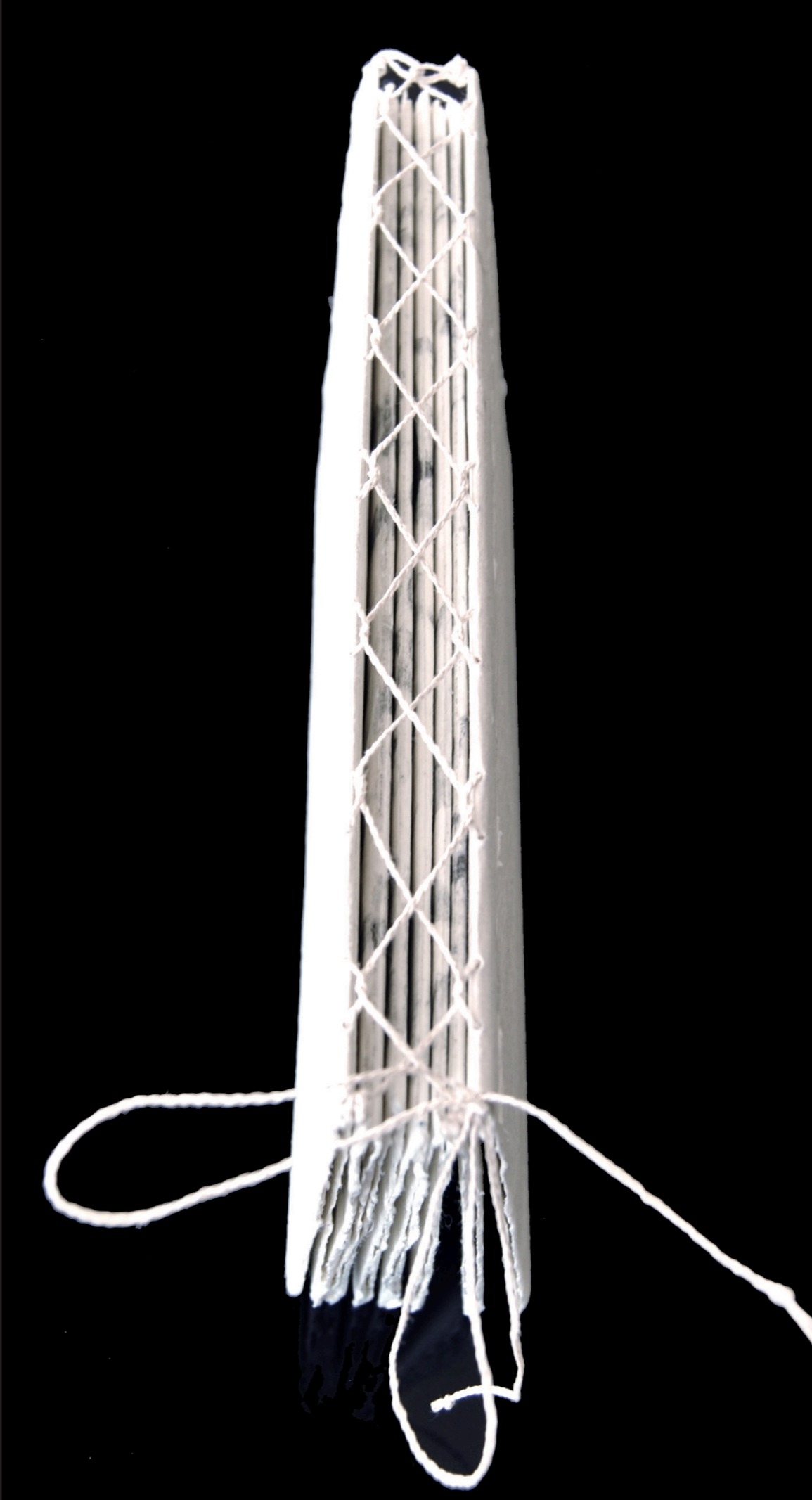
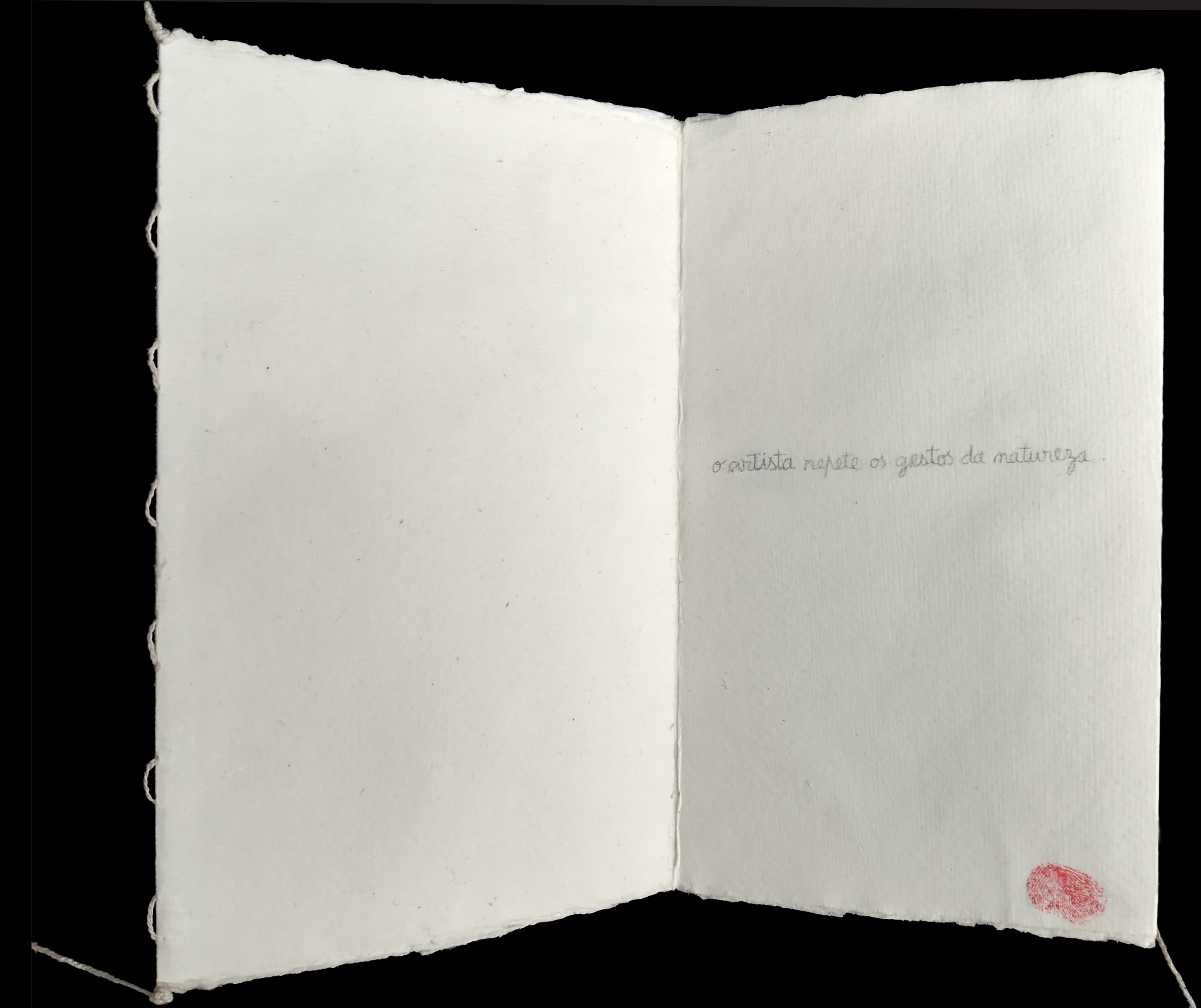
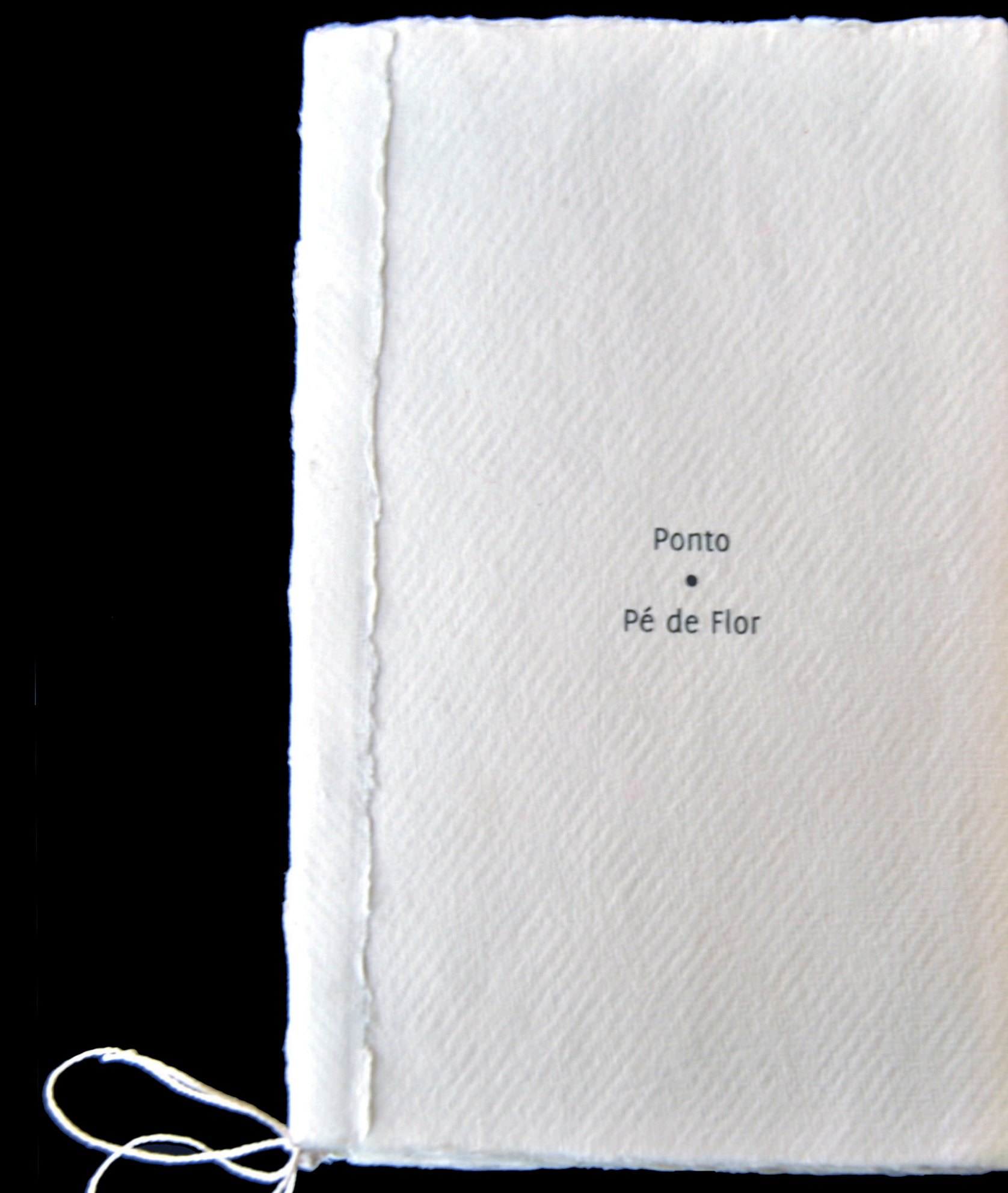
⁽⁵⁾ *O desenho foi feito quando o livro já estava montado e colado. A utilização de aguadas seria arriscada porque poderiam atravessar o papel e manchar o texto no verso do desenho. Daí ter sido a grafite o meio que achei mais adequado à sua execução.*



Ponto
•
Pé de Flor



Handwritten text, possibly a signature or title, located on the right endpaper.



Orvalho.

Estou estendida de costas deitadas num prado. Sinto a melar da terra quente sob o meu corpo. O meu olhar oscila por entre as pérolas que brilham e se recomparam do céu. São tantas. Parece absurdo mas sem qualquer esforço consigo contá-las todas num ápice. Há uma ordem nisto tudo que ainda não conheço. Sem ainda saber que estrada trilharei, se me perderei ou me ganharei, quero-as, as essas luzes, como no princípio, todas para mim.

Vejo então o silêncio. Mas não me vejo completamente. Nem a ti. Envolo-me toda no chão dando voltas e voltas e o meu corpo transborda gotas de orvalho. Levanto-me. Ao sacudir essa massa líquida o meu ser está a bolar num lago enorme. Estendo a mão para apanhar a primeira pérola. Apanho-a como quem apanha um grão de estradas. Engulo-a. Fecho os olhos e mergulho.

É esta então a paisagem que vejo da minha janela. São gotas de sangue as pérolas deste novo céu. Sem parar, fogem a uma velocidade vertiginosa, e logo voltam, num movimento contínuo e permanente. Pressinto que este mar é todo meu e todo teu. Como que juntos num destino comum, olho-me a mim enquanto me olho. Mas não estou lá. Estou ainda estendida de costas deitadas no prado que vejo da minha janela, na esperança de apanhar mais uma pérola. Neste momento, tal como com Jonas, o mar solta um espírito colossal. E transporta-me com ele.

as pi e mlt
seria
a um bnto
a apso no em
tltus em
veram à m
atono
no ato
otudo
tot amoro

vltio

As nuvens hoje
aparecem assim
como naqueles postais
de anjinhos,
chatinhas em baixo
e abauladas em cima
a salpicar o céu

Árvore

Ergo os meus olhos
para um lugar
alto

distante
os meus pés
firmes

no chão
penso em ti

algo me prende
para cima e
para baixo

sou uma chama ascendendo
para dentro e para fora

Donde

se eu fosse sei
meda a luz no horizonte
e repava o causal dos rios
emventos os passos tremulhados
e subia até à onda mais alta
do mar todo

se eu fosse via
meda a sombra projectada pelos mastros
jogava até se cair o vento
e contemplaria o silêncio
em expansão

se eu fosse árvore
espalhar-me para além do canto do pássaro
adulme o ar que resplandece
a tovem voltaria a florir
e solaria a seiva colhida pelas águas

se eu fosse pássaro
migrava para o interior
da casa e abria paredes de fermento
buscava o interior do chão
e deitava-me sobre a pedra encandescente

se eu fosse casa
acolhia feridas e lágrimas perdidas
abrigava o cantar da ave
e dançava o alento desolado
até à manhã nascer de novo

Posso abraçar a manhã

o teu olhar
é a transparência

do mel

ouço
o silêncio
no lírio

Que efeito assume
um sorriso
inteiro
no infinito
uma lágrima
no universo
um passo
incerto
no absoluto
desconhecido
um abraço
na verdade
do futuro

a luz entra da janela
migalhas de pão
a mesa
um papel amarrado
restos que entram pelo dia
que chega
ou sobram das noites
que perduram
a intimidade
um monte de pincéis
desordenados
salpicos de tinta
por limpar
e o que fica
desse processo
lento e meditado
e desabrocha em mim
o alento do devir

Por vezes
observo por fora
o pulsar do coração
por dentro
do meu corpo
e não posso deixar
de pensar
em espanto

hoje de manhã
buscando-me no caminho
do campo que vejo da minha janela
procurei a ovelha
Negra
no meio do rebanho

todas corriam
a mais negra porém
corria mais

no campo
da minha vida corro
todos os dias
desejo ser a mais rápida

sem saber se por ser negra também
quero correr como

João

sou branca
calo muito
magro-me

sou alta de
olhos claros descendo
de celas e
africanos
vejo os meus olhos
negros por trás
de outros
claros
a pele cobrindo
outro corpo
sensível

vivo no mundo
do meu tempo
à meu modo
distintamente
do outro que no mesmo
tempo vive
fazendo
no silêncio viço
por dentro do sistema
do meu eu
a par do sistema
mundial
e fora dele
escucho a inferioridade
do meu ser
que ao mundo

e a Deus pertence

vejo as cores
de outra cor o céu
e outros céus
e o chão
e os caminhos
sou triste
sou alegre
choro
conflito
descanso
busco
procuro
encontro
desencontro
encontro-me
desencontrando-me

olho o
outro sinto-o
como se eu
mesma esse outro
fosse
aproximo-me
distancio-me
iludo-me
desiludo-me
não desisto
conflito
luto com
o luto
ferida

sinto-me

penso-me

busco-me

sou eu e

o outro sou

sou a onda do

mar grave

como o vento

e os oceanos

sou criança

sou velha

sou jovem

sou de todas

as idades

abelha

borboleta

escaravelho

sou tudo

sou nada

desvio-me

do centro

e para o centro

vou

o levantar da folha
e a brisa
ao cair na luz
caminhar intuído
o monte
e a solidão
beber desertos
posados nas trevas
e os rasgos
nos pensamentos
enxertar a fonte
buscada
e a sede recolhida

bondade
balançar fluído
letra na letra
verbo na luz
afiora a pétala

Sigo a brisa
da folha que cai
outra levanta
e a dança que (se) inclina
a-folha as-palavras
sofrem pétalas
na flora a flor
vibida na rosa

Meu nome / gairei o nome
minha sorte / a sorte
minha morte / a morte

notionamente

nor tessi-te mor-te
nor-te sou lamor-te
sou tessi-te morte

Os cabelos da Madalena

Nai

Amor

Sopro

Nai de impressões digitais

No dia da partida
ou na noite
lembro o cheiro
o granito e o musgo
escorrego
na pedra
bebo da fonte
olho o céu a fio

estou perto
do regresso
original

é tudo uma questão
de movimento
e de luz

invertida

PAISAGEM

Orvalho.
Estou estendida de costas deitadas num prado. Sinto o mol-
dar da terra quente sob o meu corpo. O meu olhar oscila por
entre as pérolas que brilham e se recortam do céu. São tan-
tas todas num ápice. Há uma ordem nisto tudo que ainda
não conheço. Sem ainda saber que estrada trilharei, se me
perderei ou me ganharei, quero-as, a essas luzes, como no
princípio, todas para mim.

Vejo então o silêncio. Mas não me vejo completamente. Nem a Ti.
Enrolo-me toda no chão dando voltas e voltas e o meu corpo
transborda gotas de orvalho. Levanto-me. Ao sacudir essa
massa líquida o meu ser está a boiar num lago enorme. Es-
tendo a mão para apanhar a primeira pérola. Agarro-a como
quem apanha um guia de estradas. Engulo-a. Fecho os olhos
e mergulho.

É esta então a paisagem que vejo da minha janela: são gotas
de sangue as pérolas deste novo céu. Sem parar, fogem a
uma velocidade vertiginosa, e logo voltam, num movimento
contínuo e permanente. Pressinto que este mar é todo meu
e todo teu. Como que juntos num destino comum, olho-me a
mim enquanto me olho. Mas não estou lá. Estou ainda esten-
dida de costas deitadas no prado que vejo da minha janela,
na esperança de agarrar mais uma pérola. Neste momento,
tal como com Jonas, o mar solta um espirro colossal. E trans-
portá-me com ele.

ANJO

uma gota de orvalho
num olhar
voa uma borboleta
um sopro numa vela acesa
brilha uma estrela
num aceno de mão
um sorriso
num adeus
um a-deus
num pensamento

o silêncio

Árvore
Ergo os meus olhos
para um lugar
alto

distante
os meus pés
firmes

no chão
penso em ti

algo me prende
para cima e
para baixo

sou uma chama ascendendo
para dentro e para fora

CASA

Daniel
se eu fosse sol
media a luz no horizonte
e regava o caudal dos rios
enxertava os passos tresmalhados
e subia até à orla mais alta
do mar todo

se eu fosse vara
media a sombra projectada pelos mastros
seguiu até se calar o vento
e contemplaria o silêncio
em expansão

se eu fosse árvore
erguia-me para além do canto do pássaro
adubava o ar que respandece
a nuvem voltaria a florir
e solitaria a seiva colhida pelas águas

se eu fosse pássaro
migrava para o interior
da casa e abria paredes de fermento
buscaria o interior do chão
e deitava-me sobre a pedra encandescente

se eu fosse casa
acolhia feridas e lágrimas perdidas
abrigaria o cantar da ave
e dançaria o alento desejado
até a manhã nascer de novo
Posso abraçar a manhã

MEL

o teu olhar
é a transparência
do mel

ouço
o silêncio
no lírio

PÃO

Que efeito assume
um sorriso
inteiro
no infinito
uma lágrima
no universo
um passo
incerto
no absoluto
desconhecido
um abraço
na vereda
do futuro

a luz entra da janela
migalhas de pão
a mesa
um papel amarrado
restos que entram pelo dia
que chega
ou sobram das noites
que perduram
a intimidade
um monte de pincéis
desordenados
saipicos de tinta
por limpar
e o que fica
desse processo
lento e meditado
e desabrocha em mim
o alento do devir

VIDA

Por vezes
observo por fora
o pulsar do coração
por dentro
do meu corpo
e não posso deixar
de pensar
em espanto

hoje de manhã
buscando-me no caminho
do campo que vejo da minha janela
procurei a ovelha
Negra
no melo do rebanho

todas corriam
a mais negra porém
corria mais

no campo
da minha vida corro
todos os dias
desejo ser a mais rápida

sem saber se por ser negra também
quero correr como

João



(DA) NATUREZA

sou branca
caio muito
magôo-me

sou alta de
olhos claros descendo
de celtas e
africanos
vejo os meus olhos
negros por trás
de outros
claros
a pele cobrindo
outro corpo
sensível

vivo no mundo
do meu tempo
a meu modo
distintamente
do outro que no mesmo
tempo vive
tecendo
no silêncio viajo
por dentro do sistema
do meu eu
a par do sistema
mundial
e fora dele
escolho a interioridade
do meu ser
que ao mundo
- e a Deus pertence

vejo as cores

de outra cor o céu
e outros céus
e o chão
e os caminhos
sou alegre
choro
confio
desconfio
busco
encontro
desencontro
encontro-me
desencontrando-me

olho o
outro sinto-o
como se eu
mesma esse outro
fosse
aproximo-me
distancio-me
iludo-me
desludo-me
não desisto
confio
luto com
o luto
ferida

sinto-me

penso-me
busco-me
sou eu e
o outro sou
sou a onda do
mar grave
como o vento
e os oceanos

sou criança
sou velha
sou jovem
sou de todas
as idades
abelha
borboleta
escaravelho
sou tudo
sou nada
desvio-me
do centro
e para o centro
vou

LIVRO

o levantar da folha
e a brisa
ao cair na luz
caminhar intuindo
o monte
e a solidão
beber desertos
pousados nas trevas
e os rasgos
nos pensamentos
enxertar a fome
buscada
e a sede recolhida

bondade
balançar fluindo
letra na letra
verbo na luz
afiora a pétala

Sigo a brisa
da folha que cai
outra levanta
e a dança que (se) inclina
a-folho as-palavras
soltam pétalas
na flora a flor
vívida na rosa

MORTE

Meu norte / ganhei o norte
minha sorte / a sorte
minha morte / a morte
nortesortemorte
nor tesor-te mor-te
nor-te sor temór-te
sor tenor-te mor-te

Os cabelos da Madalena

Pai
Amar
Sopro

pó de impressões digitais

LUZ

No dia da partida
ou na noite
lembro o cheiro
o granito e o musgo
escorrego
na pedra
bebo da fonte
olho o céu a fio

estou perto
do regresso
original

é tudo uma questão
de movimento
e de luz

invertida